**VOCAÇÃO DE PESSOAS ADULTAS**

*Pe. Rogério Gomes, C.Ss.R*[[1]](#footnote-1)

*O objetivo da formação é conduzir os candidatos e os confrades a tal grau de maturidade humana e cristã que eles, com auxílio da graça divina, conscientes e livres, possam dedicar-se totalmente ao serviço da Igreja missionária na vida comunitária dos Redentoristas para anunciar o Evangelho aos pobres* (Const.78).

# Introdução

O presente artigo tem o objetivo iniciar uma discussão sobre um tema já bem conhecido pela Igreja que, ultimamente tem aumentado e batido às nossas portas: as vocações de pessoas adultas. Essa realidade tende, futuramente, a crescer cada vez mais, devido ao contexto de sociedade que vivemos: baixa natalidade, envelhecimento da população, adolescência expandida/ prolongada,[[2]](#footnote-2) menor ingresso nas casas de formação,[[3]](#footnote-3) protelação da própria vocação, etc. No passado, os seminários eram abarrotados de crianças e adolescentes e a formação era totalmente interna. A partir do Vaticano II, essa realidade muda e parte dos estudos passam a ser realizados fora dos seminários, nas Universidades. Com as vocações de pessoas adultas, depara-se com outra realidade: desde aqueles que protelaram a vocação e não tem uma formação acadêmica, mas a tem profissional, até aqueles que possuem qualificação acadêmica em diversas áreas do saber. Em nosso contexto redentorista é algo relativamente recente e podemos, diante dele, ter duas atitudes: preconceito, rechaço e não aceitação e/ou possibilidade de construir algo novo em nossos processos formativos e acolhê-las como dom de Deus nos tempos hodiernos. Queiramos ou não é uma realidade concreta e se tornará cada vez mais evidente em nosso contexto formativo. São vocações e não devem ser tratadas como inferiores àquelas dos jovens que nos procuram.

Assim, o caminho que empreenderemos durante esse texto é buscar refletir sobre como podemos, enquanto Congregação, trabalhar com essas pessoas que nos procuram e ajudá-las a dar uma resposta sincera a si mesmas, a Deus e acompanhá-las nesse percurso que, de certo modo, foge à regra da concepção tradicional de vocação na Igreja ou que estamos habituados a lidar. Trata-se de um ensaio que visa abrir um diálogo sobre o tema e oferecer algumas linhas de como trabalhá-las no processo formativo.

## 1. O que se entende por vocação de pessoas adultas

Definir o conceito de vocação de pessoas em idade adulta não é uma tarefa fácil e sem riscos de prejuízos ou preconceitos. Há uma série de terminologias correlatas: “vocações tardias”, “vocações maduras”, etc. O termo mais adequado é *vocação de pessoas adultas* para definir uma pessoa que já consolidou a sua personalidade e em parte já experimentou diversas realidades da vida: social, afetiva, econômica e de fé e, no decorrer dessa diversidade de experiências, descobre ou redescobre o chamado vocacional para ingressar em uma comunidade formativa para se tornar um irmão ou presbítero.

Nem sempre postergar a vocação é sinal de imaturidade. Muitas vezes, um jovem, desde muito cedo, cultiva este desejo de seguir o Senhor em seu coração na vida consagrada, no entanto, por diferentes razões: ajudar a manter a família ou por cuidar de algum familiar, falta de apoio da própria família, conversão tardia ou passagem de sua religião ao catolicismo, doença, trabalho, estudos não pode responder ao seu chamado naquela determinada ocasião. As motivações são muitas[[4]](#footnote-4) e este jovem sempre foi ‘esquecendo-se de si’ para responder a outras exigências que lhe eram momentâneas e sua vocação passa por um processo de adormecimento, latência. Em determinado momento da vida, ela se desperta como fator constitutivo da própria existência, enquanto resposta a si mesmo como forma de realizar-se no mundo e buscar a felicidade.

Há outras situações em que o processo de maturação da personalidade é mais lento devido ao próprio contexto social moderno e outros fatores que tocam diretamente na formação da personalidade da pessoa, desde a família, sua capacidade de relacionar com as pessoas e com o próprio mundo.

# 2. Algumas orientações do Magistério

O Decreto sobre a formação sacerdotal, *Optatum totius* (1965), n. 3, ao falar sobre os *Seminários menores e Institutos peculiares* alude às vocações adultas ao dizer: “Promovam-se diligentemente Institutos e outros centros para aqueles que, de idade mais avançada, seguem a vocação divina”.[[5]](#footnote-5)

Em 1976, a Sagrada Congregação para a Educação Católica, enviou uma carta circular a todos os presidentes das Conferências Episcopais tratando sobre o tema.[[6]](#footnote-6) O texto é dividido em duas partes: a situação das vocações de pessoas adultas e dos seminários, a praxe da Sagrada Congregação e as indicações provenientes das deliberações da assembleia plenária. O texto faz a seguinte constatação: “As vocações adultas [...] nos últimos anos têm sido muito numerosas em toda a Igreja. Devem ser consideradas de maneira positiva como sinal de uma renovação espiritual consoladora nas assembleias de homens maduros e remédio para atenuar pelo menos em parte a hodierna escassez de vocações sacerdotais”. [[7]](#footnote-7)

O documento ressalta a positividade das vocações adultas que são numerosas em toda a Igreja, são sinais de renovação espiritual e tais experiências têm sido válidas. Adverte sobre a necessidade de uma prudência na seleção das mesmas e uma pedagogia adaptada a essas; evitar redução arbitrária do curso de filosofia e teologia sem a devida dispensa e que as dioceses que optaram pelo modelo clássico, por terem muitas vocações, devem considerar o valor das vocações adultas, não somente para si, mas também para a Igreja universal; evitar a exaltação das mesmas e necessidade de tratá-las com realismo e equilíbrio; e exigência de instituições e estruturas adaptadas para favorecer qualquer tipo de vocação. Recomenda-se evitar muitas fórmulas pedagógicas de cunho popular quando se tenta substituir o modelo formativo clássico. Por fim, a necessidade de considerar a sólida formação espiritual, teológica e doutrinal. “Na formação de vocações adultas de qualquer tipo e nível cultural, deve-se dar importância fundamental a uma sólida formação espiritual e teológica”.[[8]](#footnote-8)

A Congregação para a Educação Católica recomenda a necessidade do seminário maior e a sua importância para formá-las. O aumento das vocações adultas não deve ser uma motivação para eliminá-las. Há que cuidar da formação teológica e filosófica delas em um seminário maior normal, fazendo as adaptações necessárias para cada caso. O documento constata que a carência da formação humanística e filosófica não é só um problema das vocações adultas, mas em todos os níveis. A abordagem feita pelo texto é positiva e visa garantir o melhor modo de formação para acompanhá-las.

A Exortação Apostólica *Pastores dabo vobis* (1992), n. 64 assevera:

Como sempre aconteceu na história da Igreja, e com algumas características de reconfortante novidade e frequência nas circunstâncias atuais, deveremos registar o fenómeno das vocações sacerdotais que se verificam em idade adulta, já depois de uma longa experiência de vida laical e de empenhamento profissional. Nem sempre é possível, e muitas vezes nem sequer é conveniente, convidar os adultos a seguir o itinerário educativo do Seminário Maior. Deve-se antes providenciar, depois de um cuidadoso discernimento acerca da autenticidade de tais vocações, no sentido de programar uma forma específica de acompanhamento formativo que consiga assegurar, por meio de oportunas adaptações, a necessária formação espiritual e intelectual. Um reto relacionamento com os outros candidatos ao sacerdócio e períodos de presença na comunidade do Seminário Maior poderão garantir a plena integração destas vocações no único presbitério, e a sua íntima e cordial comunhão com ele.[[9]](#footnote-9)

O diretório para os bispos *Apostolorum sucessores* (2004), n. 87, afirma: “Do mesmo modo como o Bispo deverá ter o cuidado pelos germes de vocação dos adolescentes e dos jovens, assim deverá também providenciar pela formação das vocações adultas, dispondo para tal fim de institutos adequados ou de um programa de formação adequado à idade e à condição de vida do candidato ao sacerdócio”.[[10]](#footnote-10) O mesmo vale também para os Superiores Maiores com as devidas adaptações.

Em 2016, a Congregação para o Clero, na nova *Ratio Formationis Sacerdotalis*, dedica um tópico sobre essa temática e afirma que as vocações de pessoas adultas chegam no seminário com personalidade mais estruturada e com experiências diversas; a acolhida delas deve ser precedida de um caminho espiritual, de modo que se possa realizar um sério discernimento em suas motivações vocacionais; a necessidade de avaliar o tempo transcorrido entre o batismo, a conversão cristã e o ingresso no seminário para evitar confusão entre seguimento de Cristo e chamada ao ministério presbiteral. O acompanhamento destes candidatos, como das demais vocações, deve ser feito através de um processo sério e completo, que prevê, na área da vida comunitária, uma sólida formação espiritual e teológica, através de um método pedagógico e didático oportuno, que leve em consideração o perfil pessoal de cada um.[[11]](#footnote-11)

Diante dessa nova realidade, a *Ratio* reconhece e reafirma essa realidade e recomenda que a pastoral vocacional possa acompanhá-las. “Nesse sentido, a pastoral vocacional tem como destinatários homens pertencentes a várias faixas etárias de diferentes idades, embora, hoje em dia, visto o crescente número de candidatos adultos que tem atrás de si uma ou mais experiências profissionais, se advirta a necessidade de dedicar uma particular atenção a esta precisa faixa etária”.[[12]](#footnote-12)

# 3. O processo de acompanhamento

Se partimos do princípio de que a vocação é dom do Espírito e chamado a uma missão, então, uma pessoa, independentemente de sua idade, pode ser chamada em determinada fase de sua vida, pois o Espírito sopra onde quer (Cf. Jo 3,8). A vocação como graça e mistério não é determinada por uma faixa etária; permeia toda a vida humana (vocação fundamental) e se manifesta ao longo dela na forma de o sujeito responder a sua realidade existencial (vocação específica). Assim, a pergunta fundamental do sujeito é: diante do meu ser no mundo, como respondo a isso, de modo a realizar-me como pessoa? Frente à complexidade do fenômeno da vida, das relações sociais e do processo de tomada de consciência, de crescimento e de humanização da pessoa, ela pode responder vocacionalmente em diferentes momentos da sua vida.

É importante considerar que cada ser humano é contextualizado, intui e discerne a sua vocação dentro dele. O contexto não é determinante, no entanto, oferece os elementos facilitadores ou dificultadores da realização humana. Diante dele e da própria consciência ocorre a resposta que pode superar os próprios condicionamentos contextuais, uma vez que o ser humano é capaz de usar as adversidades ao seu favor através de sua criatividade e capacidade de discernimento e de conversão. Aqui o foco e fator decisivo não devem ser a idade, embora deva ser considerada do ponto de vista do carisma institucional, mas de um discernimento profundo, de maneira a alcançar o mais profundo possível as motivações concretas da pessoa, lembrando-se sempre de que o ser humano é mistério e pode sempre nos surpreender.

Em linhas gerais, plica-se a esses candidatos as mesmas dimensões que apontam a *Ratio Formationis*: humana, espiritual, comunitária, acadêmica e pastoral missionária[[13]](#footnote-13) e os mesmos princípios da formação redentorista: gradualidade, progressividade, flexibilidade e continuidade para que o sujeito tenha formação adequada e holística. No entanto, devido ao caráter especial dessas vocações, sem desprezar nenhuma outra dimensão, visto que devem ser trabalhadas juntas, há que insistir em duas dimensões: a humana e a comunitária e no princípio da flexibilidade.

# Dimensão humana

Essa dimensão é importante a todo o ser humano. A humanização é um processo cotidiano que envolve resiliência, autoconhecimento e percepção de si mesmo, autocontrole, autoestima, estar integrado à própria sexualidade, ter a consciência dos dons e fragilidades pessoais, abertura ao diálogo e a relacionar-se com as pessoas, sobretudo aquelas que tem diferentes visões de mundo, desenvolver a empatia a solidariedade, especialmente com as pessoas mais pobres e abandonadas, interagir com informação e cultura, aprender a lidar com novas tecnologias, cultivar espaços para o ócio criativo e o lúdico na vida e desejo de crescer humanamente.

Pressupõe-se que quem vá cuidar dos outros, animá-los, humana e, espiritualmente, tenha feito parte deste percurso anteriormente para adquirir as chaves para abordar o outro de modo sereno. A evangelização não é um processo externo. Ela começa internamente, a partir do próprio sujeito que se reconhece com limites virtudes e se coloca disponível para partilhar um caminho de vida pessoal, com outras pessoas e comunidade cristã.

# Vida comunitária

Diferente do “seminário tradicional” que acolhe jovens para fazerem seu longo percurso de discernimento e formação, as pessoas adultas já nos chegam com sua personalidade consolidada e com um histórico de experiências em diversos campos. Nesse sentido, é importante acolhê-las e valorizá-las, uma vez que podem enriquecer o próprio grupo e trabalhá-las, de modo mais intenso no âmbito comunitário.

Uma das bases de nossa vida consagrada é a vida comunitária. Ela é grande riqueza em nível afetivo, espiritual e pastoral, mas também geradora de conflitos que vão desde a postura individualista àquela de não ter a resiliência necessária para os conflitos e o trabalho em comum. Se um candidato não é capaz de transitar livre e criativamente pela vida comunitária, onde ocorrem experiências significativas de vida apostólica será difícil tanto para ela, quanto para os demais membros da comunidade, terem uma vivência comunitária qualitativa. Nesse sentido é importante ajudar o sujeito a discernir: é este o estilo de vida que busca e quer para a sua vida, com suas riquezas e limites, com suas alegrias e tristezas? Está disposto a assumir esse estilo de vida e ser criativo para dinamizar a vida comunitária?

Por isso, é fundamental no processo formativo das vocações de pessoas adultas intensificar dois aspectos importantes: a) trabalhar o formando em nível individual, ajudando-lhe a desenvolver as habilidades para o exercício saudável para a vida comunitária; b) trabalhar em grupo: terapia grupal e de entrosamento, esporte grupais, atividades acadêmicas, formativas, pastorais e vida oracional. Um ótimo recurso é compartilhar a experiência de vida com os demais: história familiar, da vocação, visão social, da Congregação, da Igreja, etc. Não se trata aqui de reduzir tudo ao comunitarismo e sufocar o sujeito, que necessita de espaços individuais, como resposta às exigências pessoais e grupais, sim de propiciar-lhe possibilidades de interação e também para confirmar sua própria vocação e demostrar que é capaz de abraçar este estilo de vida futuramente.

Nesse sentido, vale ressaltar que os formadores tem um papel muito importante, aquele de provocar (chamar para) as diferentes atividades e ajudar o grupo a desenvolver estratégias de resolução de conflitos, uma vez que este é um ponto muito frágil na formação para a vida consagrada e presbiteral.

# Vida acadêmica

Muitos que desejam entrar para a vida consagrada já tem formação universitária completa, mestrados e doutorados. Em algumas situações muito mais preparação técnica e humana do que os próprios formadores. Essa pode ser uma zona de conflitos, uma vez que estes sujeitos tendem a colocar questões mais agudas, ser mais confrontadores. Nesse sentido, é fundamental a capacidade de diálogo dos formadores. Eles devem buscar, ao máximo, integrar a capacidade de estudos, pesquisa e conhecimento no processo formativo. O conhecimento acadêmico não se põe como um *status*, mas como instrumental de abertura de pensamento e de horizontes frente ao mundo e de humanização. Pode ser muito enriquecedor valer-se do próprio conhecimento dos diferentes membros do grupo e promover uma formação interdisciplinar. Esse modo valoriza não somente os sujeitos, como o próprio grupo ao possibilitá-lo refletir sobre diferentes pontos de vista sobre determinados temas formativos.

# O princípio da flexibilidade

A *Ratio Formationis*, n. 44, compreende um dos pilares da formação redentorista, a flexibilidade e a adaptação: “Devido às mudanças nas demandas do mundo e do ministério, todos devem ter a capacidade de mudar e se adaptar quando necessário (cf. Const. 15). A rigidez não deve ser confundida com a força de vontade necessária, assim como a adesão cega a uma única maneira de fazer as coisas não deve ser confundida com a lealdade à tradição. Pelo contrário, a lealdade e a força de vontade devem ser incentivadas para que estejam abertas à mudança com base nas urgências pastorais. Isso inclui a disponibilidade para ir para onde necessário”.

Esse princípio se apresenta enquanto possibilidade de proporcionar aos formandos os melhores instrumentais para que eles possam se adaptar aos diferentes contextos e trabalhos e ter a capacidade de exercer o seu apostolado de modo criativo, respondendo às exigências atuais. Vale lembrar que nesse sentido, o princípio visa que o sujeito seja livre e autônomo e a formação não seja uma camisa de força, fundada em realidades que já não respondem aos desafios reais da sociedade.

Assim sendo, no caso de formação de vocações adultas, a aplicação desse princípio é importante pelas razões que seguem: 1) são pessoas que já possuem certo grau de vivência e de instrução; 2) As demandas formativas, as interrogações são diferentes daquelas de um grupo de adolescentes e jovens; 3) têm uma experiência de trabalho e essa deve ser incorporada, de alguma maneira, no programa de estudo como forma de valorização das competências e para que o formando possa aplicar seu aprendizado em algum projeto pastoral redentorista. Por exemplo, se ele é um psicólogo, um advogado, um jornalista, pode ser inserido em algum tipo de obra social redentorista, ou num grupo de justiça e paz; 4) o programa deve focar e ser intenso naquelas áreas mais defasadas dos formandos (catequese, vida comunitária, etc). Nesse sentido, cada grupo terá exigências diferentes. Isso não significa deformar, em nenhum momento, o programa formativo proposto pela *Ratio* ou *torná-lo* *uma exceção*, trata-se de fazê-lo eficiente e aplicável a tal realidade. Na mesma linha da *Ratio Fundamentalis Sacerdotalis*: “Da mesma maneira que é feita com os outros seminaristas, cuide-se que o acompanhamento desses candidatos seja realizado através de um processo sério e completo, que proporcione, no âmbito da vida comunitária, uma sólida formação espiritual e teológica, através de um adequado método pedagógico e didático, que leve em consideração o próprio perfil pessoal”.[[14]](#footnote-14) Portanto, trata-se de um programa que exige maior liberdade e, ao mesmo tempo, autonomia e abertura para fazê-lo, sem improvisações. É importante que cada grupo tenha a sua realidade constatada e a pergunta que as instâncias formativas devem responder é: como vamos aplicar os conteúdos da *Ratio* neste grupo, uma vez que tem suas peculiaridades diferente do anterior? Isso exige estudo sério para que o programa responda do melhor modo possível às exigências da formação redentorista e exige a cada ano revisões e adaptações, sem perder o eixo central da *Ratio*.

Aqui é importante considerar a equipe de formadores. Por sua vez, devem ser flexíveis, terem uma visão holística da formação redentorista, abertura ao novo e capacidade de propor as mudanças nascidas das demandas próprias do grupo e acompanhá-lo de forma responsável. Os diálogos fraternos devem ser abertos, marcados pela escuta atenta e pelo confronto positivo do discernimento. Uma equipe de formador que faz do programa formativo uma camisa de força não está respondendo às exigências advindas desse público.

## 4. Cultivar a vida espiritual e a mística do cotidiano

Um dos aprendizados importantes na casa de formação é auxiliar o formando a encontrar o caminho de cultivo de vida espiritual e mística. Vida espiritual e mística não significam preencher o programa com um sem fim de orações e práticas litúrgicas. Uma casa de formação pode ter um programa de atividades espirituais excelente e absolutamente nada de cultivo de espiritualidade e mística... Por que muitos religiosos, depois de deixarem a casa de formação, tem aversão à oração e a tudo que se refere à vida espiritual? Ou por que a busca de outras espiritualidades e não aquela proposta pela Congregação? Será que os programas de formação ajudam os jovens a encontrarem o seu *espiritual grounding* de sorte que, independente de estruturas e horários, nutram a sua vida interior?

Às vezes, a casa de formação tem um modelo padrão em que todo o grupo é submetido a uma uniformização no modo de rezar. O processo formativo tem que prover uma estrutura que facilite a oração e o encontro com Deus, no entanto, não pode permanecer só neste nível. Há que trabalhar o nível individual de cada formando. Qual é a razão disso? Trata-se de ajudar cada um descobrir o próprio método de oração. Nem todas as pessoas, embora o façam, adaptam-se à Liturgia das Horas, ao Rosário, às fórmulas estabelecidas, etc. Cada um tem o seu modo de fazer a sua experiência de Deus e deve descobri-la. Ora, é essa descoberta que fará que o i indivíduo cultive sua interioridade não a partir de uma obrigação que lhe imposta por leis canônicas, mas como uma necessidade vital.

**Conclusão**

Após esta reflexão sobre esta realidade que começa a se tornar mais corriqueira em nossa formação redentorista, vale lembrar que para as vocações de pessoas adultas aplicam-se os mesmos princípios da *Ratio Formationis*. Alguns deles, no nosso entender, devem ser mais acentuados, devido a característica do próprio grupo. É um fenômeno que nos desafia, mas deve ser lido, não como problema e sim como graça e como categoria teológica, conforme nos recorda Aquilino Bocos: “o termo desafio tem um caráter teológico. É um sinal de Deus pedindo nossa fidelidade. Nesta perspectiva, devemos descobrir e acolher a presença do Espírito que, enquanto nos mostra seus dons, nos encoraja a continuar crescendo”.[[15]](#footnote-15) Certamente, o Espírito nos mostra essa nova alternativa, mediante as novas transformações sociais que vivemos.

É fundamental que nos comecemos a preparar melhor para essa realidade. A entrada de adolescentes e jovens será cada vez mais escassa de agora em diante. Ao grupo adulto que ingressa, deve-se dar o tratamento que lhe é devido, tratá-los com maturidade e como pessoas adultas. Para isso, o formador não deve ser nenhum super-homem, deve ser flexível, humano, ter capacidade de acompanhar e de dialogar com os formandos e ter uma visão de conjunto da própria formação, para perceber a própria necessidade formativa do grupo, suas deficiências e procurar saná-las e recomendar para as fases subsequentes os pontos a serem trabalhados.

É verdade que parte das reticências a esse público que nos procura é devido ao fato de que somada a idade deles e mais a etapa de formação que devem receber, cronologicamente o tempo de vivência da vida consagrada ou do ministério presbiteral será mais curto. Este é um dado concreto, no entanto, é importante a formação ajudar este indivíduo para que ele, em um tempo mais breve de desempenho de sua vida apostólica, tenha uma *atuação kairológica*, com intensidade, maturidade, consciência e vivência da própria vocação e dedicação aos mais pobres e abandonados, conforme nossas Constituições.

1. <http://lattes.cnpq.br/3342824164751325> [↑](#footnote-ref-1)
2. Cf. DOS SANTOS OLIVEIRA, Alessandra. Adolescência prolongada: um olhar sobre a nova geração. *Psicologia.com.pt*: o portal dos psicólogos, agosto 2006. Disponível em <<https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0293.pdf>>. Acessoem : 05 nov. 2019; CAMARA, Martial de Magalhães; CRUZ, Amadeu Roselli. Adolescência prolongada: o tempo que não se quer deixar passar. *Educar em Revista*, Curitiba, n. 15, p. 17-25, dez. 1999. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/238/showToc>> ou <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S0104-40601999000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 nov. 2019. <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.190>. De acordo com Câmara e Cruz: “A expressão ‘adolescência prolongada’ foi introduzida por Bernfeld em 1923 e seu objeto de investigação na época era a adolescência masculina prolongada como fenômeno social observada nos movimentos europeus de juventude após a primeira guerra. Havia nesses grupos uma predileção pela intelectualização e repressão sexual, retardando com isso a consolidação do conflito adolescente. Este termo com o tempo passou a ter uma conotação mais ampla sendo hoje um termo descritivo e coletivo que compreende condições de constelações dinâmicas heterogêneas. O termo refere uma perseveração na posição adolescente, a qual, em circunstâncias normais, tem um tempo limitado e uma natureza transitória. Uma fase de amadurecimento, que deveria ficar para trás depois de realizada sua tarefa, torna-se um meio de vida. Esse adolescente luta para contornar a finalidade das escolhas que são feitas ao final da adolescência; o processo de adolescer não é abandonado, mas mantido em aberto. [...] hoje um termo descritivo e coletivo que compreende condições de constelações dinâmicas heterogêneas (Ibidem). [↑](#footnote-ref-2)
3. OFICINA DE PRENSA DE LA SANTA SEDE. Presentación del Anuario Pontificio 2018 y del “Annuarium Statisticum Ecclesiae” 2016. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/es/bollettino/pubblico/2018/06/13/pres.html>. Acesso em: 26 março 2020. [↑](#footnote-ref-3)
4. DUQUE, Eduardo; PEREIRA, Cicero Roberto. O Sacerdócio como vocação: motivos de entrada no Seminário. *Theologica*. 2.ª série, 50, 1, p. 63-83, 2015. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/281108309_O_Sacerdocio_como_vocacao_motivos_de_entrada_no_Seminario>. Acesso em: 26. Março 2020. [↑](#footnote-ref-4)
5. VATICANO II. *Optatum totius* (1965), n. 3. [↑](#footnote-ref-5)
6. Cf. SACRA CONGREGAZIONE PER L’EDUCAZIONE CATTOLICA. Lettera circolare *vocationes adultorum*, ai Presidenti delle conferenze episcopali circa la cura e formazione delle vocazioni di adulti (14 luglio 1976): *Enchiridiom vaticanum* 5 (2000), n. 2097-2108. [↑](#footnote-ref-6)
7. SACRA CONGREGAZIONE PER L’EDUCAZIONE CATTOLICA. Lettera circolare *vocationes adultorum*, n. 2098.1 - “Le vocazioni adulti [...] in questi ultimi anni sono state molto numerose in tutta la chiesa. Sono da considerarsi veramente in modo positivo come segno di un consolante rinnovamento spirituale nelle assemblee di uomini maturi e rimedio per attenuare almeno in parte l’odierna penuria di vocazioni sacerdotali” [↑](#footnote-ref-7)
8. SACRA CONGREGAZIONE PER L’EDUCAZIONE CATTOLICA. Lettera circolare *vocationes adultorum*, n. 2102.12. [↑](#footnote-ref-8)
9. JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo vobis*: AAS 84 (1992), n. 64. [↑](#footnote-ref-9)
10. CONGREGAÇÃO PARA OS BISPOS. *Apostolorum Sucessores*: Diretório para o Ministério Pastoral dos Bispos(2004), n. 87. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cbishops/documents/rc_con_cbishops_doc_20040222_apostolorum-successores_po.html>. Acesso em: 26 de março 2020. [↑](#footnote-ref-10)
11. “Quienes descubren la llamada al sacerdocio ministerial en edad más avanzada llegan al Seminario con una personalidad más estructurada y después de un recorrido vital caracterizado por experiencias diversas. La acogida inicial de estas personas en el Seminario exige un recorrido espiritual y eclesial previo, durante el cual se pueda realizar un serio discernimiento de sus motivaciones vocacionales. Es necesario evaluar con cuidado el tiempo transcurrido entre el Bautismo, o la conversión cristiana, y el ingreso al Seminario, evitando la posible confusión entre el seguimiento de Cristo y la llamada al ministerio presbiteral. De la misma manera que se hace con los otros seminaristas, se cuide el acompañamiento de estos candidatos a través de un proceso serio y completo, que prevea, en el ámbito de la vida comunitaria, una sólida formación espiritual y teológica, mediante un oportuno método pedagógico y didáctico, que tenga en cuenta el propio perfil personal. Será competencia de las Conferencias Episcopales dar normas específicas acordes a la situación de la nación, evaluando la conveniencia de establecer un límite de edad para la admisión de dichas vocaciones y considerando la posibilidad de erigir un Seminario para este fin”. CONGREGACIÓN PARA EL CLERO. El Don de la vocación presbiteral. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. L'OSSERVATORE ROMANO. CIUDAD DEL VATICANO, 8 DE DICIEMBRE DE 2016. Las vocaciones de adultos, n. 24. [↑](#footnote-ref-11)
12. CONGREGACIÓN PARA EL CLERO. El Don de la vocación presbiteral. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*, n. 14. [↑](#footnote-ref-12)
13. Cf. JOÃO PAULO II. Exortação apostólica pós-sinodal *Pastores dabo* *vobis*, n. 43-59; CONGREGAÇÃO DO SANTÍSSIMO REDENTOR. *Estatutos Gerais*, n. 055-058. [↑](#footnote-ref-13)
14. CONGREGACIÓN PARA EL CLERO. El Don de la vocación presbiteral. *Ratio Fundamentalis Institutionis Sacerdotalis*. Las vocaciones de adultos, n. 24. [↑](#footnote-ref-14)
15. BOCOS, Aquilino. Repensar la reestructuración. Estructuras provinciales y comunitarias. *Servicio de Espiritualidad Redentorista*. Bogotá, Colombia, n. 01, p. 4-5, abril de 2018. [↑](#footnote-ref-15)